



Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFPI

III SINESPP

20 a 24
OUTUBRO
2020

SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ESTADO, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS
Democracia, desigualdades sociais e políticas públicas no capitalismo contemporâneo

EIXO TEMÁTICO 7 | DIREITOS HUMANOS, VIOLÊNCIA E POLÍTICAS PÚBLICAS

ESTUDO DE MORTES VIOLENTAS EM SOBRAL: práxis e sentido na atuação da política pública de prevenção de violências

Maria de Nazaré Eufrásio Alves¹
Savanya Shell de Oliveira Sousa²
Hortência Veras Mangabeira³
Thamila Cristina dos Santos da Silva⁴

RESUMO

O artigo propõe uma discussão sobre os diálogos intersetoriais das políticas públicas frente ao fenômeno da violência. Sendo esta entendida como uma problemática que envolve os campos da saúde e da segurança pública, integrada aos efeitos produzidos pelas desigualdades sociais em relação aos efeitos produzidos pelas ausências de garantias de direitos. Esse trabalho é fruto de experiências produzidas pela Célula de Estudos de Mortes Violentas da Unidade de Gerenciamento de Projeto de Prevenção de Violência da cidade de Sobral/Ce. O estudo evidencia a utilização genograma e ecomapa nos Estudos de Mortes Violentas dentro das perspectivas de inevitabilidade de novas mortes na adolescência.

Palavras-Chaves: Violência. Política Pública. Intersetorialidade.

ABSTRACT

This article proposes a discussion about the intersectoral dialogues of the Public Policy regarding the violence phenomenon. The violence problematic involves health and security public fields, and it's associated to social inequalities and absence of human rights guarantee effects. This research resulted from experiences produced by Cell of Studies of Violent Deaths that's belonging to Project Management Unit for the Prevention of Violence in the city of Sobral, State of Ceará. The research highlights the utilization of the Health tools Genogram and Eco maps in the Studies of prevention of Violent Deaths in the adolescence.

Keywords: Violence. Public Policy. Intersectoral collaboration.

¹ Estudante de Psicologia na Universidade Federal de Campina Grande, alvesmne@gmail.com

² Psicóloga e Gerente da Célula de Estudos de Mortes Violentas da UGP-PV, savanyashell@sobral.ce.gov.br

³ Gerente da Célula dos Comitês Territoriais da UGP-PV, hortenciamangabeira@sobral.ce.gov.br

⁴ Mestranda em Psicologia e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará - Campus Sobral e Gerente da Célula de comunicação colaborativa, criativa e cidadã da UGP-PV, thamilasilva@sobral.ce.gov.br

INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno complexo entendido como acontecimento público e social nas relações humanas no mundo. Ao passo que esta é percebida pelos sujeitos como pertencente à natureza dos laços humanos, é também responsável por produzir danos aos processos subjetivos e simbólicos dos sujeitos e, conseqüentemente, às suas relações comunitárias. Tal fenômeno é enfrentado pelas mais diversas populações e em sua maioria aparece como dispositivo de emancipação política e sociodemográfica. Sobre isto, Dahlberg e Krug (2006) afirmam que a violência naturalmente permeia a experiência humana e tem repercussões mundiais. As guerras são exemplos disto, entretanto, Vieira (2007) afirma que o termo “guerra” precisa ser entendido para além de conflitos armados mas, sobretudo, como atritos coletivos e sociais. As guerras, em termos gerais, são eventos violentos que deixam marcas de emancipação e retrocesso, de modo a influenciar nas formas de organização social que hoje é usufruído (VIEIRA, 2007).

Nesse sentido, o arcabouço histórico-social revela o quão as violências, dentro de suas variadas formas de se manifestar, são fenômenos que contam histórias e demarcam processos de subjetivações. Diante disso, pode-se falar sobre as violências simbólicas e estruturais presentes na sociedade, as quais são entendidas como produção de preconceitos e de invisibilidades de grupos à margem de um padrão social, este produzido e sustentado por várias violações. As marcas deixadas pelos conflitos somam custos irreparáveis para as sociedades, com relação a isso, o Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde de 2002 revela que as perdas humanas e os sofrimentos produzidos são imensuráveis e passam por um processo de invisibilidade. Tal relatório constata ainda que a violência está entre as grandes causas de morte de pessoas entre 15 e 44 anos.

Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2019), homicídio é a morte de uma pessoa causada pela ação intencional de outra(s). No Brasil, os homicídios revelam o processo de desigualdade estrutural do País, evidenciado pela concentração das mortes violentas em territórios específicos, como as comunidades periféricas, aos quais jovens negros e pobres são alvos de negligência e violação de direitos. O endereço,

a cor, a classe social e a faixa etária são registros que informam, quais são os alvos dessas guerras. Em consonância com as afirmações supracitadas, o Atlas da Violência de 2017 conceitua mortes violentas como sendo morte de causas indeterminadas e não naturais. De acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), mortes violentas são compreendidas como: operações de guerra, acidentes, lesões autoprovocadas, agressões, entre outros.

Nesse contexto, a criação de estratégia para prevenção de violência emergiu para o enfrentamento de violação de direitos e de mortes sem causas e precedentes. A partir de então, articulações de frentes federais, estaduais e municipais foram criadas em prol da garantia de direitos e acesso à políticas públicas de saúde, educação, renda, habitação, cultura, esporte e lazer. Com base nisso, evidencia-se a importância de pensar o conceito de violência de forma ampliada e conectada com a realidade de cada população.

O Ceará possui elevados índices de mortes e incidência de criminalidade e ocupa o terceiro lugar na classificação dos Estados brasileiros com maior número de mortes na faixa etária de 12 a 18 anos. Com efeito, o Ceará foi um dos estados a aderir estratégias de enfrentamento a homicídios e mortes violentas de jovens. Um marco importante foi a criação do Comitê Cearense Pela Prevenção de Homicídios na Adolescência. De acordo com o relatório Cada Vida Importa de 2016, tal comitê tem por objetivo conhecer de forma aprofundada a problemática da violência que tanto assola as instâncias sociais e da saúde. “O Comitê é, portanto, uma instância de estudo, debate, mobilização e projeção, congregando diversos atores e instituições num esforço interinstitucional pela vida.” (CADA VIDA IMPORTA 2016, p.05). O Comitê Cearense Pela Prevenção de Homicídios na Adolescência se debruçou sobre o conhecimento do plano de fundo do fenômeno da violência entre as juventudes e como esses eventos impactavam a trajetória de vida de outros jovens e seus respectivos familiares. Por conseguinte, o trabalho do Comitê foi inteiramente de estudos, descobertas, planejamentos, formação e estratégias para ações assertivas.

Sobral é um Município cearense com expressivo índice de violência letal e que, de acordo com o Relatório do Cada Vida Importa de 2016, adotou às metodologias do Comitê Cearense para o enfrentamento da violência. Ademais, na gestão do Prefeito Ivo Gomes, foi criado a Unidade de Gerenciamento de Projeto de Prevenção de Violência

(UGP-PV), estruturada pela equipe regional do Pacto por um Ceará Pacífico da vice governadoria do estado e subsidiados pelas recomendações do Comitê Cearense sobre as variáveis relacionadas à prevenção, são elas: vulnerabilidade de quem cuida; falta de atendimento à rede de amigos e familiares dos adolescentes assassinados; territórios vulneráveis a homicídio; abandono escolar; experimentação precoce de drogas; vida comunitária conflituosa; oportunidade de trabalho e renda; intervenção violenta da polícia; violência armada; mídia sem violação de direitos; entre outros. De acordo com o relatório do Cada vida Importa de 2017, tais políticas têm por objetivo pautar e fortalecer a intersetorialidade e a corresponsabilização de gestores e comunidades.

A criação de tais políticas reforça o acolhimento integral dos sujeitos que têm seus direitos violados e trajetórias interrompidas, assim como o olhar ampliado para as formas de violência existentes. A Organização Mundial da Saúde reforça que violência é “o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação.” (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002).

O trabalho intersetorial, produz um cuidado centrado nas pessoas e nas realidades comunitárias, além de ser uma estratégia para a prevenção das violências. Para Dahlberg e Krug (2006), os setores têm papéis fundamentais no trabalho coletivo de enfrentamento ao fenômeno da violência, bem como na organização de estratégias de prevenção. A construção de uma rede de acolhimento e trabalho para o atendimento das demandas é indispensável dentro do trabalho de enfrentamento à violência e mortes violentas. De acordo com o relatório Cada Vida Importa de 2017, as práticas intersetoriais corroboram para organização de um atendimento global das famílias e amigos dos jovens vítimas de mortes violentas.

Os estudos sobre as mortes violentas são metodologias da gestão de políticas públicas transversais para o cuidado dos jovens e familiares de pessoas assassinadas, a fim de traçar encaminhamentos intersetoriais de cuidado para os familiares dos adolescentes e jovens próximos da vítima para evitar futuras mortes. “A Célula de Estudos de Mortes Violentas, que provoca gestores públicos e outras instituições que tiveram contato mais próximo com a jovem vítima de homicídio a pensar conjuntamente modos de atuação pautados na evitabilidade de mais mortes violentas.” (CADA VIDA

IMPORTA, 2017, p. 42). Sendo então, uma estratégia de promoção de saúde e garantia de direitos. Por conseguinte, nesses estudos é possível a utilização de duas ferramentas de saúde: genograma e ecomapa. O genograma evidencia as relações familiares para garantia do cuidado integral destes/as. O documento publicado pelo Ministério da Saúde em 2013 sobre o Melhor em Casa revela que o genograma é uma forma de identificar a dinâmica familiar e suas implicações no estabelecimento de vínculos, por meio de símbolos gráficos. No mesmo documento é relatado que o ecomapa é a compreensão da relação com outros grupos ou instituições e como esses são determinantes para mudança na trajetória dos jovens. Além disso, tais ferramentas de saúde são importantes para os estudos quanto ao percurso do(a) adolescente e/ou jovem dentro das políticas pública.

Essas ferramentas colaboram para um estudo assertivo e intersetorial das relações humanas e institucionais. As ferramentas de gestão em saúde supracitadas podem potencializar prevenção de homicídios na adolescência, visto que os registros dos equipamentos sobre a entrada e/ou procedimentos feitos pelo jovem e seus familiares, dão subsídios para um estudo mais direcionado e customizado. Os relatórios da política de assistência, às informações dos prontuários familiares do Centro de Saúde da Família e as informações da escola por meio de relatórios, boletins, observações e relatos orais, são imprescindíveis para uma comunicação em rede para prevenção de violências.

2 OBJETIVO

O objetivo do estudo é discutir a relevância da Célula de Estudos de Mortes Violentas e do trabalho intersetorial sob a interface de genogramas e ecomapas para o enfrentamento da violência na cidade de Sobral/Ce.

3 METODOLOGIA

Trata-se, de um estudo descritivo exploratório do tipo relato de caso acerca da violência e seus desdobramentos, envolvendo um estudo bibliográfico sistematizado, a fim de adquirir um aprofundamento relativo a temática da violência e o entrelaçamento com o campo da saúde. Para Gil (2002), pesquisas exploratórias têm o intuito de refinar as ideias a respeito de uma determinada temática, a fim de aprimorar as pesquisas já

existentes, possibilitando o entendimento sobre os diversos aspectos da mesma. De acordo com Selltiz *et al* (1967, p. 63. Apud GIL, 2002, P. 41), esse tipo de estudo requer três exigências, são elas: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

No primeiro momento, fez-se um apanhado na literatura sobre os aspectos epistemológicos da violência, seus desdobramentos e sua relação com as mortes violentas presentes no contexto brasileiro. Ademais, realizou-se uma pesquisa em bases de dados científicos utilizando a associação de descritores: violência; saúde; enfrentamento; prevenção. Também foram consultados relatórios e documentos oficiais com recomendações para estruturas de políticas públicas de enfrentamento à violência dentro das frentes mundiais, nacionais e regionais, assim como deliberações federais, estaduais e municipais. Tais como: Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde de 2002; a Atlas da Violência de 2017 e 2019; o Anuário Brasileiro de Segurança Pública publicado em 2019 e o relatório do Cada Vida Importa de 2016 e 2017. Foi feito um compilado do que tais documentos tinham a fornecer sobre as formas de violências e como essas têm repercussões na trajetória de jovens assassinados.

No segundo momento, houve a explanação dos marcos centrais para criação de políticas focadas para prevenção da violência e como essa tem sido executada pelo município de Sobral/Ce. Com foco nas experiências da Célula Estudo de Mortes Violentas que é vinculada a Unidade Gerenciamento de Prevenção de Violência e faz parte da Secretaria de Direitos Humanos, Habitação e Serviço Social do município. Respalda no Comitê Cearense Pela Prevenção de Homicídios na Adolescência, as atividades da Unidade de Gerenciamento de Projetos Prevenção de Violência - UGP-PV são intersetoriais e estratégicas para o acompanhamento das trajetórias já interrompidas e para o cuidado das que estão vivenciando processos de vulnerabilização similares.

No terceiro momento, relata-se um caso para exemplificar e contribuir para o entendimento das lacunas existentes sobre o fenômeno que atravessam as mortes violentas de jovens periféricos. Segundo com Kienle e Kiene (2011), o relato de caso precisa ser conciso e detalhado e quando aliado a uma fundamentação teórica colabora com a confiabilidade das evidências apresentadas.

4 DESENVOLVIMENTO

As mortes violentas são configuradas como uma problemática de saúde e segurança pública. As interlocuções teóricas indicam a importância de abordar a violência de uma forma ampliada e, apoiada nisso, contextualizada aos manejos e as formas singulares de olhar para esse fenômeno que é macro e micropolítico. As violências estruturais, produzidas pelo Estado, são danosas e produzem um ciclo jamais rompido, pois é alimentado pelas desigualdades. O endereço, a cor e a classe social são marcadores importantes para essa tipologia de violência, pois quanto mais o sujeito esteja à margem da sociedade menos direitos são garantidos. Essa Lógica segue o projeto capitalista e neoliberal presente na sociedade brasileira atual (Dahlberg, 2006; Marquetti, 2014; Souza, 1994).

Sobre isso o Relatório do Cada Vida Importa relata:

Sabemos e é preciso repetir: essas mortes têm endereço, classe social, raça, gênero, local de moradia. Além disso, precisamos mais ainda mostrar a resistência da periferia. Há dezenas de coletivos que fazem arte, cultura, política e que guardam uma potência incrível de reescrever vidas. (CADA VIDA IMPORTA 2017, p. 05).

É possível investir no potencial dos jovens periféricos e transcender as normativas sociais que segregam e produzem adoecimentos.

Os achados alertam que os olhares das políticas públicas precisam voltar-se para as realidades das juventudes, sendo construídas e executadas junto aos jovens, para não se tornar uma prática sem sentido emancipatório ou burocratizada, tornado-se, então, conivente com as negações de direitos essenciais dos sujeitos. Nesse sentido, Barros e Aranhas (2010) reforçam que essas violências, conhecidas como estruturais, aparecem como uma forma de vida, a qual faz parte dos dias vividos pelos os jovens periféricos. Reflete-se sobre o quão essas violências são naturalizadas e invisibilizadas, de modo que constroem as barreiras e segregam mediante cor da pele, endereço e classe social desses jovens.

Sobre isso, Soares (2005) colabora ao afirmar que são em situações de negação de melhores condições de vida que as taxas de homicídios aparecem como alarmantes. Cerqueira (2012) fala que os homicídios geralmente acontecem na rua, por meio de

arma de fogo, em jovens pretos ou pardos de vinte anos, com nível escolar de ensino médio. Nessa perspectiva, as políticas públicas que atendem essa juventude precisam estar conectadas para construção de uma rede de apoio sólida e acolhedora para o perfil juvenil evidenciado.

Como colabora o relatório Cada Vida Importa:

Dentre as recomendações relacionadas às prefeituras, estão incluídos protocolo intersetorial (saúde, assistência e segurança) de atenção às famílias de adolescentes vítimas de homicídio; ações de prevenção por meio de programas e projetos que foquem na rede de amigos e familiares dos adolescentes assassinados; a busca ativa pelo monitoramento da frequência escolar aos meninos e meninas que deixaram a escola; programas de atendimento aos adolescentes com oficinas artísticas, culturais e esportivas; e cooperação da sociedade civil com o Sistema Único de Assistência Social (CADA VIDA IMPORTA 2017, p. 40).

Diante disso, infere-se que a Escola, o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), o Centro de Referência Especializada da Assistência Social (CREAS), o Centro de Saúde da Família (CSF) e as Políticas de Prevenção de Violência precisam estar ligados e trabalhando em conjunto para atender as recomendações de prevenção à violência.

O trabalho intersetorial, além de potencializar o acolhimento integral dos sujeitos de direitos, produz reflexões importantes sobre o papel dos profissionais nas trajetórias dos jovens que têm suas vidas interrompidas. Provocam questionamentos sobre o fazer diário das políticas públicas com os jovens e familiares que perderam um parente por morte violenta. A intersetorialidade é, então, responsável por novos significados do fazer profissional. Além disso, o fazer intersetorial é produtor de formação, e inspira a construção de momentos de ensino e aprendizagem, de escuta e de fala, de questionamento e abertura para alteridades. As contribuições do campo da saúde agem sobre um viés interdisciplinar e de ações coletivas, a fim de produzir corresponsabilização e engajamento das políticas públicas e da sociedade civil, conforme ressaltam Dahlberg e Krug (2006). Sobre isso, Carvalho e Mendes (2014) corroboram ao dizer que a educação emerge nas práticas de reuniões para discussão e diálogos coletivos sobre problemáticas afins, sendo propositiva para o rompimento de perspectivas individualistas, onde cada conhecimento precisa ficar dentro um caixa imutável e intocável.

O campo da saúde é um dos grandes responsáveis pela produção de conhecimento sobre diversas formas de prevenção, seja elas de doenças simples até acidentes violentos. Em interlocução com Dahlberg e Krug (2006), desde a década de 80 a Saúde Pública desenvolve um trabalho importantíssimo sobre as temáticas da violência. A partir de então os estudos e as intervenções da saúde tiveram enfoque no conhecimento aprofundado do fenômeno e das formas de prevenção. Os autores afirmam ainda que as ações violentas têm relação com as condições socioeconômicas, políticas e culturais e podem ser modificadas por meio de ações individuais e comunitárias. “A saúde pública caracteriza-se, sobretudo, por sua ênfase em prevenção. Mais do que simplesmente aceitar ou reagir à violência, seu ponto de partida reside na forte convicção de que o comportamento violento e suas consequências podem ser prevenidos e evitados.” (Dahlberg & Krug, 2006, p 03).

A partir disso, é possível refletir sobre as construções do campo da saúde para a prevenção da violência e sua conexão com o trabalho da Célula de Mortes Violentas no município de Sobral - CE. O Genograma e o Ecomapa são ferramentas preconizadas pela saúde e têm influência positiva em outros campos. O uso desse dispositivo para prevenção de violência colabora com o conhecimento aprofundado das relações afetivas, familiares, sociais e institucionais dos jovens vítimas de mortes violentas. A compreensão da trajetória desse jovem é uma forma estratégica de produzir políticas públicas e sociedades sensíveis e humanas, capazes de se corresponsabilizar pelas vidas produzidas por elas. Os instrumentos supracitados, de acordo com Ministério da Saúde, são efetivos inclusive na identificação de violações de direitos por partes das instituições responsáveis pela trajetória dos jovens.

Os encontros da Célula de Mortes Violentas estudam os casos de mortes violentas no Território I em Sobral, composto pelos bairros Vila União, Nova Caiçara e Terrenos Novos no município de Sobral e analisam seus desdobramentos com o intuito de elaborar estratégias de cuidado para e com as pessoas envolvidas. Para exemplificar, explanamos um dos casos estudados pela célula e quais foram os encaminhamentos e as deliberações das políticas envolvidas no caso.

As etapas para a realização do estudo descrito são: a partir do homicídio identifica-se os dados iniciais, solicita-se documentos sobre o jovem e família às políticas públicas, analisa-se todo o histórico e contexto, narra-se essa trajetória e constrói-se

uma linha do tempo com as informações documentadas. A partir disso, constrói-se genograma e ecomapa iniciais e agenda um estudo com os profissionais da rede. Realiza-se o estudo e aprofundam-se às análises. No estudo, elaboram-se as estratégias e o plano de cuidado para família, documentam-se as informações em um banco de dados para análises dos homicídios no município para, assim, criar critérios de evitabilidade de futuras mortes baseados no estudo das trajetórias.

Destacamos que para exposição do caso a seguir os nomes dos jovens e familiares envolvidos serão recriados de forma fictícia, de modo a resguardar eticamente suas identidades, mas lhes conferimos nomes para reafirmar o desejo de que as juventudes sejam reconhecidas pelas suas identidades e pelas trajetórias que vivem/viveram.

5 O CASO

Em análise, a situação de saúde da família foi verificada que Patrícia Silva teve seu primeiro filho com 16 anos de idade. Mãe adolescente. Essa informação é um dado importante para colaborar a pesquisa do Comitê Cearense de Prevenção de Homicídios na Adolescência em que consolida: 56% das adolescentes vítimas de homicídios em Sobral eram filhos de mães adolescentes. Patrícia Silva também apresentou histórico de sífilis, bem como seu companheiro Paulo. Carlos Silva (filho) teve dificuldade durante o período de amamentação. A família residia no bairro Padre Palhano e, no ano de 2014, foram contemplados pelo Programa Minha Casa Minha Vida e passaram a residir no bairro da Várzea. A partir do ano de 2015, Carlos entra em processo de evasão escolar finalizando seus estudos no 7º ano do Ensino Fundamental II, desde então o adolescente não esteve mais visível para a rede escolar do município. Em agosto de 2015 a equipe da Secretaria de Urbanismo (pasta responsável pelo Programa Minha Casa Minha Vida - PMCMV) realiza encaminhamento ao CREAS pelas motivações: *filho adolescente usuário de drogas; mãe comprava as drogas para o filho; evasão escolar do adolescente; próximo a pessoas que apresentam histórico de dependência química; atentado contra sua vida no bairro da Várzea em fevereiro de 2015*. Outras oportunidades foram mais atraentes em seu percurso, *seus laços com pessoas ligadas ao crime foram se fortalecendo, o uso de arma de fogo foi decisivo para a prática de assalto e o uso de substâncias psicoativas era diário*. Essas informações corroboram o Relatório Cada Vida

Importa de 2016, o qual diz que o abandono escolar e uso precoce de drogas, o acesso a arma de fogo são fatores de risco. As políticas setoriais não chegavam à vida de Carlos, até que em março de 2018 é oferecido, pela equipe de Assistentes Sociais da Coordenação de Habitação - SEDHAS, o curso de Montador e Reparador de Computadores. O jovem demonstra interesse e efetua sua matrícula. Tarde demais! Em uma tentativa de assalto Carlos é detido e fica recluso no Centro Socioeducativo Zequinha Parente. Por uma semana, o jovem tem sua vida dentro de quatro paredes. Ao sair é oferecida a participação no Programa Jovem Guarda - PJG, mas Carlos queria prender sua atenção em outras questões, sua liberdade não cabia na farda do PJG. O jovem é vítima de homicídio.

Invisível ao olhar das políticas setoriais, o contexto territorial de Carlos se configurava no cotidiano com sua ex-companheira Meirielle e alguns amigos, em especial Jonas e Davi. Meirielle, 16 anos de idade, juntamente com Carlos tiveram Sofia. Os adolescentes mantinham um relacionamento desde 2015. Meirielle estudou até o 9º ano do Ensino Fundamental II e encontra-se em evasão escolar devido a necessidade de fornecer cuidado a Sofia. Jonas é casado com Larissa e tem 02 filhos, residem no bairro da Várzea.

Davi (amigo de Carlos, 15a), reside no bairro da Várzea juntamente com Vitória (14a), sua namorada; realiza atividade com dobradura de papel; é acompanhado pelo CREAS (Liberdade Assistida) e Articuladores da Juventude – UGP. Apresenta laços fortes com pessoas ligadas ao crime; tem limitação de circulação territorial; estava com Carlos no dia do seu homicídio. Vitória tem um filho de 01 ano de idade (reside com a avó em São Benedito/Ce); cumpre medida de Liberdade Assistida; faz uso de substâncias psicoativas; está em processo de evasão escolar; não convive com sua família.

Tabela 1 – Encaminhamentos

ENCAMINHAMENTOS	Urgente	- PTS ⁵ para Davi - Acompanhar Sophia	-Responsáveis: CRAS, CREAS, UGP, CSF -Responsável: CSF
	É preciso mais tempo	-Inserção da Sofia no CEI ⁶	-Responsável CRAS

⁵ Plano Terapêutico Singular.

⁶ Centro de Educação Infantil.

	Pode esperar	- Inserção de Meirielle na escola.	- Responsável: Articulador da Juventude
--	--------------	------------------------------------	---

Esse estudo aconteceu em um dos equipamentos de política pública que assistia a jovem vítima. O estudo das mortes violentas sempre tem um cunho formativo de educação permanente. Mediante a troca de informações para construção do genograma e ecomapa e ainda formação de encaminhamentos que provoca corresponsabilização e reflexões.

6 CONCLUSÃO

Deste modo, o trabalho da Célula de Estudos das Mortes Violentas de Sobral gera momentos formativos tanto para os/as profissionais da UGP de prevenção de violências quanto para os gestores e as gestoras de equipamentos. É um espaço permanente de educação, um espaço de reflexão sobre a atuação dos gestores e das gestoras, de percepção de processos que comumente são invisibilizados pelas demandas urgentes e cotidianas.

Por isso, o ato de refletir sobre o fazer profissional é potente e transforma as práticas territoriais, assim como conduz a construção de políticas mais humanas e centradas nas problemáticas do sujeito ou do território. Como afirma o teórico da educação Paulo Freire (2019) o termo práxis designa a atividade humana e social que se manifesta e se realiza e pela realidade. E enquanto forma específica do ser humano, a práxis torna-se uma atividade transformadora, criadora, autocriadora, uma atividade que produz, forma e transforma o homem social, seu meio, sua consciência e suas ações no mundo real.

O genograma e o ecomapa são, portanto, responsáveis pela visualização dos laços estabelecidos pelo jovem, além de evidenciar as ausências das políticas públicas com relação às trajetórias dos jovens. Sendo então ferramentas potentes para prevenção de homicídios na adolescência, dentro de uma perspectiva de evitabilidade de novas mortes violentas.

Diante da complexidade do fenômeno da violência destaca-se a necessidade de uma contínua investigação e produção técnico-científica para análises assertivas e sensíveis que reverberem desdobramentos e diálogos entre poder público, sociedade e

comunidade científica. Estudos que refinem o entendimento sobre a relevância e potência do trabalho intersetorial das políticas públicas para evitabilidade de mortes violentas.

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília, n. 13, 2019.

CADA VIDA IMPORTA. **Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência**. Fortaleza, 2016.

CADA VIDA IMPORTA. **Relatório do primeiro semestre de 2017 do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência**. Fortaleza, 2017.

DAHLBERG, L. L. KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**. v.11, p. 1163-1178, 2006.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2009.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Violência**. Brasília, 2017. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/quem/5/glossario>. Acesso em 14 de junho de 2020.

KIENLE, G S. KIENE H. Como escrever um relato de caso. **Arte Médica Ampliada**. n. 2. 2011.

KRUG, E G. *et al.* **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Organização Mundial da Saúde. Genebra, 2002.

MARQUETTI, F. C. ADORNO, R. de C. F. Discursos e imagens da violência. **Saúde Soc**. São Paulo, v.23, n.3, p.749-763, 2014.

MELLO, M. H. P. de. YUNES, J. J. Violência e saúde no Brasil. **Revista Usp**, São Paulo, n.51, p. 114-127, setembro/novembro, 2001.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Melhor em Casa: Caderno de Atenção Domiciliar. **Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Atenção Básica**. v. 2, Brasília, 2013.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **A OPAS/OMS apoia os 16 dias de movimento pelo fim da violência contra as mulheres**. Brasília, 2019. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=4734:a-opas-oms-apoia-os-16-dias-de-movimento-pelo-fim-da-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820. Acessado em 14 de junho 2020.

SOUZA, E. R. Homicides in Brazil: The Major Villain for Public Health in the 1980s. **Cad. Saúde Públ**. Rio de Janeiro, n. 01, 45-60, 1994.

VIEIRA, I. M. de C. A violência e a Guerra: uma abordagem sócio-psicanalítica. Brasília. **Universidade de Brasília**. 2007.